



RESENHA

DUETO: CANTO A DUAS VOZES

Maria Claudia Cunha

Voz cantada: evolução, avaliação e terapia fonoaudiológica

Henrique O. Costa e Marta A. de Andrada e Silva

São Paulo, Lovise, 1988

Talvez mais que um texto escrito, esta resenha pudesse ser uma canção.
Melhor: alguns trechos musicais, de Caetano na voz de Gal:

Por ser feliz, por sofrer, por esperar

Eu canto

Pra ser feliz, pra sofrer, pra esperar

Eu canto

...

É somente porque eu trago a vida aqui na voz.

A literatura que trata do diagnóstico e tratamento das funções e disfunções vocais tradicionalmente articula critérios médicos e fonoaudiológicos. E esse é um princípio também adotado nesse volume.

Mas foi com prazer que iniciei a leitura de uma obra sobre o tema através de um texto – ao qual não falta rigor científico – sem me deparar com dados estatísticos apoiados em infundáveis resenhas sobre achados de autores estrangeiros, avanços tecnológicos ou mesmo mais uma aula sobre anatomia e fisiologia vocal. Aspectos relevantes, sem dúvida. Só que, aqui, a orquestração foi um pouco mais além.

Logo no primeiro capítulo, uma abordagem sócio-histórica do canto como uma linguagem ancestral, filogeneticamente preexistente à fala articulada, e das marcas culturais que foram se constituindo entre ambos os códigos de comunicação humana. Mais: o “lembrete” de que a voz tem, entre outras funções, a de *fazer música com o corpo humano*.

No segundo capítulo, uma deliciosa aula de história do canto. Você sabia que na idade medieval os cantos gregorianos penetraram menos entre os povos germânicos que entre os italianos, dadas as limitações laríngeas dos primeiros? Você sabia que, na América do Norte, os primeiros escravos negros vindos da África eram proibidos de falarem entre si e, então, inventaram o *call* – a emissão de palavras curtas, ritmadas e melodiosas – como forma de comunicar-se? Você sabia que a bossa-nova, surgida no Brasil no final dos anos 50, introduz o canto com voz falada e sopro e conseqüente necessidade de redução de harmônicos?

No terceiro, que trata da estética vocal, o conceito de *estilo* recorta a dimensão subjetiva envolvida no ato de cantar: uma atividade que transcende o plano intelectual para veicular emoções. Arte, enfim.

Chegamos assim no que me pareceu ser a primeira parte desse livro: uma reflexão sobre aspectos artísticos, psíquicos, lingüísticos, históricos e sociais envolvidos na relação voz/canto.

E qual seria a “utilidade” dessas considerações para o clínico?

Tive a impressão de que a de prepará-lo para a leitura dos capítulos seguintes ou, em outras palavras, sensibilizá-lo para o fato de que é possível tratar de temas específicos como acústica, anatomofisiologia da voz cantada e fisiologia do estilo sem esvaziá-los de subjetividade.

Dois trechos, extraídos dos capítulos em questão:

no passado, acreditava-se que a respiração costo-esternal era a respiração do sexo feminino, enquanto os homens praticavam a costo-abdominal. Hoje se sabe que, na realidade, as mulheres utilizavam este tipo de respiração devido ao uso de espartilho que restringia a cintura abdominal. (p. 46)

na maioria das vezes, preocupamo-nos apenas com a qualidade da emissão, não nos dando conta de que a velocidade da prosódia, ênfaseção apropriada de fonemas e modificações de intensidade e *pitch* são características que fazem da voz um fator único de identificação pessoal. (p. 60)

Mas, ao mesmo tempo, o leitor, cuja demanda for a de informar-se e/ou atualizar-se sobre processos de percepção sonora, anatomia e funcionamento do aparelho fonador (com destaque para o aspecto laríngeo), classificação e características vocais, será também minuciosamente atendido. Não vou me deter nesse conteúdo, para além de afirmar que, para mim, ele passa a se constituir em material de referência bibliográfica importante.

Os capítulos finais enfocam especificamente as práticas clínico-terapêuticas.

Quanto ao exame da voz do cantor, o alerta inicial: “o ouvido humano é, sem dúvida, o melhor instrumento de avaliação” (p. 97). O melhor, mas não o único; portanto, seguem-se também as técnicas para auxiliar “a arte de ouvir a voz, e por meio das suas dicas sonoras ‘enxergar’ o funcionamento das estruturas envolvidas na sua gênese” (p. 97).

A saber: avaliação da fonte sonora (a partir da emissão prolongada de vogais), exame do aparelho deglútofonador (endoscopia flexível e rígida, e exames específicos de laringe).

Fatores associados às alterações fisiológicas da voz também são analisados: muda vocal, envelhecimento e ações hormonal e medicamentosa.

Ainda quanto à avaliação, os autores afirmam que os estudos têm demonstrado que alguns tipos de alterações patológicas da voz, motivadas por afecções laríngeas, são mais frequentes em cantores do que na população em geral. Assim, classificam-nas em cinco tipos – inflamatórias, infecciosas, traumáticas, congêniticas e tumorais – apontando fatores etiológicos e terapêuticas específicas a cada um.

A seguir, a saúde vocal é analisada nas relações particulares que se estabelecem entre a atividade do canto e alimentação, refluxo gastroesofágico e qualidade acústica dos ambientes onde venham a se dar as apresentações.

No capítulo final encontramos critérios para a avaliação e terapia de cantores. Aqui, destacam-se os aspectos fundamentais do método clínico fonoaudiológico: a compreensão da queixa em termos da história de vida do paciente e a importância da relação terapêutica, e as técnicas vocais específicas indispensáveis. Mas, trata-se de uma concepção terapêutica pouco afeita à idéia de *treinamento*, tão típica dos processos normativos que proliferam na área do trabalho vocal, limitados à submissão do cliente a tarefas e proibições. Indo direto ao ponto, nas palavras dos autores: “não se pode ter a ilusão ou a pretensão de ensinar o cantor a cantar” (p. 166). Como sugere o título dessa resenha, Henrique e Marta nos oferecem um livro em forma de dueto, contando com a participação de colaboradores no competente “*backing vocal*”. Não assinam separadamente os capítulos, embora me tenha sido possível ouvir o solo de um ou de outro, aqui é ali. Medicina e Fonoaudiologia, portanto, se juntam para escrever uma só partitura.

Mas, após esse relativo abuso das metáforas musicais, termino com um elogio, mas também com um pedido – aliás, indissociáveis. Sei que Marta e Henrique escreveram esse livro a partir da intensa e competente experiência clínica que possuem.

Fico, então, aguardando o volume 2, no qual eles possam nos oferecer o relato “encarnado” dessas experiências, contando as histórias dos seus clientes que, eu sei, são sempre cuidados como quem *traz a vida aqui na voz*.